

Fome de Imagens

Desde os primeiros contactos com a pintura de Sérgio Costa, a partir de 2000, que fomos surpreendidos pela contenção cromática, pela presença sempre diferida dos humanos e sobretudo por um outro olhar sobre os objectos do nosso "objecto de estudo" e suas distintas contextualizações. Essa perspectiva colocava claramente a descoberto a validade e a acuidade do reconhecimento da multiplicidade de acessos ao conhecimento, ou seja, às representações da realidade. Do artefacto lítico, Sérgio Costa passa, insensivelmente, às impressões digitais do artesanato.

Embora através de provas indirectas, de elementos-traço, a presença humana é perceptível nos ambientes inorgânicos, predominantemente cársicos que povoam as telas de Sérgio Costa daquela fase (cf. exposição "A partir do exterior", Galeria Arte e Oficina, Setúbal 2001).

Essas paisagens, inscritas embora na memória das da presente mostra, deram lugar a distintas composições plásticas, que configuram outras problemáticas:

1. O poder da imagem na actualidade;
2. A intervenção crítica e transformadora do artista na sociedade contemporânea.

Para o desenvolvimento do ponto 1, sugerimos a observação do primeiro núcleo de pintura da presente exposição. Imagens que se sobrepõem, se sucedem, se devoram e são devoradas num ciclo de vida rápido, do qual sobram fragmentos que aleatoriamente se recompõem em novas imagens encaixadas em puzzles desregulados.

O ponto 2 remete-nos para a questão da orientação do olhar, da escolha, e para a leitura do segundo núcleo de pintura da exposição. Neste, a organização do espaço pictural recorda ainda a estrutura dos trabalhos das exposições "Sem fim nem princípio" e "Dias de sombra e luz", ambas de 2002. No entanto, o pintor oculta agora, ou se quisermos não desnuda, o estrato mais profundo da realidade, representado em 2002, em visão microscópica e laboratorial. Sobre esse mundo subterrâneo e ancestral corre um muro que nos separa do campo de intervenção plástica, nos distancia da representação e nos confere uma mais aguda capacidade de análise crítica. O que vemos para lá do muro são urbanidades periféricas, imagens periurbanas que se fazem do quotidiano das nossas áreas metropolitanas e que o pintor recuperou das margens dos esquemas de observação padronizados e acreditados pelo *status quo*, trazendo-as para a ribalta.

Retomando a ideia da complementaridade das abordagens científica e artística na explicação da realidade, com que iniciámos o texto, bem podemos afirmar que o olhar crítico a que a pintura de Sérgio Costa nos conduz é tão ou mais eloquente que muitos relatórios e estatísticas sobre essa mesma realidade. A capacidade de transformação social da arte contemporânea encontra-se, pois, bem patente no complexo e original percurso criativo que Sérgio Costa tem vindo a construir.

Joaquina Soares

Directora do MAEDS